**Métodos para análise de correlação entre violência doméstica e crimes contra animais**

A Medicina Veterinária Legal é a especialidade que visa utilizar conhecimentos técnicos para aplicação das leis de forma que os direitos dos animais sejam garantidos com base na legislação e faz-se necessária em casos de perícias envolvendo animais.

A correlação entre violência doméstica contra a mulher e violência contra animais foi estabelecida em inúmeros estudos e atestada por instituições como a *Federal Bureau of Investigation* (FBI), a ONG *American Society for the Prevention of Cruelty to Animals* (ASPCA) e a *National Link Coalition*. O tema vem sendo discutido por pesquisadores de diferentes áreas há mais de 30 anos e deu origem a “teoria do *link*”, que estabelece que a violência contra animais se relaciona com a violência contra mulheres, crianças e idosos. De acordo com a teoria, a violência contra animais deve ser estudada pois, além de questões éticas e punições legais envolvidas, tal ato pode ser um indicador de que outros membros da família não estão seguros.

No Brasil, há carência de investigações relacionadas ao assunto. O presente estudo tem como objetivo determinar a frequência que agressão física em animais ocorreu em lares onde houve violência doméstica contra a mulher no município de Botucatu. Esse objetivo foi atingido por meio da análise de Boletins de Ocorrência (BO) registrados na Delegacia de Defesa da Mulher (DDM) e elaboração de questionário abordando a realidade brasileira levando em conta a legislação da violência contra a mulher.

O projeto teve aprovação pelo Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA) da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Botucatu, UNESP, sob o protocolo 65/2016 e pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP, número 106699/2016.

Foi realizada pesquisa de campo analisando mulheres que prestaram queixa à DDM de Botucatu/SP, no período de agosto de 2016 a novembro de 2016. Mulheres com idade superior ou igual a 18 anos que consentiram participar do estudo informaram se possuíam cães em sua residência. As que possuíam animais de companhia foram submetidas ao questionário e entrevista semiestruturada, para que se verificasse se estes também sofreram agressão física.

O conteúdo dos questionários inclui informações a respeito da vítima, do agressor, das agressões e também questões específicas sobre o(s) animal(is), tais como o histórico de agressão, tipo de agressão e frequência dos atos. O questionário foi elaborado com o auxílio de profissionais da área da psicologia (UNIFESP) e serviço social (UnB), caracterizando o estudo como multicêntrico.

A participação foi voluntária e as informações fornecidas pelas vítimas mantidas em sigilo com suas identidades preservadas. As mulheres que concordaram em participar do estudo assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

Dentro do período estipulado, foram registrados 79 BOs na DDM de Botucatu que constavam como queixa lesão corporal; destes, 52 preenchiam os critérios de inclusão e foram analisados gerando dados tabulados em MS Excel. Foi realizada análise estatística descritiva e distribuição das frequências relativa e absoluta. A média de idade obtida foi de 31,1 anos para mulheres e 32 para homens. Relações amorosas, sejam elas atuais ou não, foram as constantes mais relevantes para o tipo de relação existente entre vítima e agressor. Além disso, agressões geradas por relações de parentesco também mostraram-se frequentes, tendo como autores filhos, padrastos, irmãos e mães. Notou-se que a maioria das mulheres são mães, sendo que em 94,1% dos casos há descendentes em que o pai é o agressor. Em se tratando de nível de instrução das vítimas, 55,6% possuem o primeiro grau completo, 26,5% cursaram e concluíram o segundo grau, 5% concluíram ensino superior e em 12,6% esta informação não constava no documento. Dados sobre o nível de escolaridade não existiam em relação aos agressores. Apenas 36,7% dos BOs foram preenchidos quanto a profissão das vítimas.

A elaboração do questionário resultou em 15 questões, sendo cinco abertas e outras dez objetivas, com um tempo médio de aplicação de quatro minutos. Dentre os 52 BOs avaliados, 29% das participantes declararam possuir animais de companhia, 19% não possuíam e 52% não responderam. Das mulheres contatadas que possuíam animais em sua residência, sete concordaram em responder o questionário. Até o momento, foram verificadas três situações de violência contra os animais: duas delas referiam violência contra cães e a outra, contra bovinos.

A partir dos resultados obtidos constata-se que há um número considerável de mulheres na cidade de Botucatu que sofreram crimes de lesão corporal devido à violência doméstica e foram motivadas a prestar queixa na DDM. Os documentos analisados não raro encontravam-se incompletos, o que impossibilitou que outras análises estatísticas pudessem ser calculadas. A deficiência de informações se dá pelo fato de que, por vezes, os funcionários da DDM não preenchem o BO por completo, o que pode ser justificado pelo elevado número de queixas por dia ou ainda porque o funcionário encarregado de registrar o BO não julga determinada informação relevante para o caso em questão.

A maior casuística de agressão quanto ao relacionamento entre vítima e agressor é entre pessoas envolvidas em um relacionamento amoroso, seja ele atual ou passado. Uma possível explicação para tal cenário é a mentalidade majoritariamente machista da sociedade, levando a desigualdade de gênero e tornando aceitável que o homem se sinta superior e dominante em relação a parceira, o que predispõe ao uso de violência como forma de controle.

Dentre os sete questionários aplicados, apenas três deles revelaram que animais sofriam violência. O primeiro referia-se a uma cadela que era agredida pelo marido de sua antiga tutora e por esse motivo foi doada para a entrevistada; o segundo um cão que igualmente foi adotado devido a agressão do antigo proprietário e o terceiro dizia respeito a bovinos de leite, que segundo a declarante, eram violentados fisicamente pelo agressor sem motivo aparente. A baixa correlação entre violência contra animais e contra mulheres encontrada neste estudo pode ser justificada pela dificuldade na obtenção de dados, o número amostral reduzido (n=7) ou ainda pela hipótese de que o agressor é mais propenso a violentar um animal quando este é de propriedade de outra pessoa (no caso, sua parceira) e não dele próprio. Isso pode sugerir que, quando um animal é vinculado à terceiros, o agressor associa a imagem do animal de companhia com a desta pessoa, e por isso o agride como tentativa de atingi-la. Quando o animal em questão é de posse do agressor, pode-se supor que exista um maior vínculo afetivo, que é suficiente para blindar este animal de maus tratos. Em três das sete visitas o(s) animal(is) era(m) de propriedade do agressor e, nestes casos, a violência contra a mulher estava dissociadas da violência animal, o que pode explicar o motivo pelo qual os animais não sofreram violência física.

O questionário desenvolvido para estudo mostra-se um potencial instrumento para identificar a correlação entre violência contra a mulher e crimes contra animais. Espera-se determinar o cenário atual dos animais que vivem em lares onde ocorre violência doméstica, estabelecendo a prevalência e incidência de maus tratos a animais coexistente com a violência contra a mulher.

Apesar de se tratar de um tema multidisciplinar, ressalta-se a importância do médico veterinário para coibir o ciclo da violência envolvendo animais e pessoas, uma vez que é o único profissional que pode avaliar e diagnosticar lesões em animais decorrentes de maus tratos. É importante que o tema seja estudado e discutido, dando subsídio necessário para que procedam com a conduta correta diante de situação envolvendo crime de violência contra animais e seres humanos.

Agradecimentos: Capes Edital Pró Forenses 25/2014 e CNPq

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

1. ASPCA (The American Society for the Prevention of Cruelty to Animals). The ConnectionBetween Domestic Violence & Animal Abuse. <http://aspcapro.org>. Acesso em:26/04/2016
2. FBI. Tracking Animal Cruelty - FBI Collecting Data on Crimes Against Animals. Disponível em:

[<https://www.fbi.gov/news/stories/2016/february/tracking-animal-cruelty/tracking-animal-cruelty](https://www.fbi.gov/news/stories/2016/february/tracking-animal-cruelty/tracking-animal-cruelty)>. Acesso em: 26/04/2016.

1. LOCKWOOD, R.; ARKOW, P. Animal abuse and interpersonal violence: The cruelty connection and its implications for veterinary pathology. Veterinary Pathology (in press), 2016. DOI:10.1177/0300985815626575
2. MCDONOUGH, S.P.; GERDIN, J.; WUENSCHMANN, A.; MCEWEN, B.J.; BROOKS, J.W. Illumiating dark cases veterinary forensic pathology emerges. Veterinary Pathology, n.52, v.1, p5- 6, 2015.
3. TIPLADY, C.M.; WALSH, D.B.; PHILLIPS, C.J.C. Intimate partner violence and companion animal welfare. Australian Veterinary Journal, v.90, n.1-2, p.48-53, 2012.